

A RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO EM JOÃO PAULO II: UMA ANÁLISE A PARTIR DA ENCÍCLICA *FIDES ET RATIO**

THE RELATIONSHIP BETWEEN FAITH AND REASON IN JOHN PAUL II: AN ANALYSIS FROM THE ENCYCLICAL *FIDES ET RATIO*

Francisco Aluziê Barbosa das Chagas**

Resumo

O presente artigo tem como objetivo mostrar a posição de João Paulo II acerca da relação entre Fé e Razão, na encíclica *Fides et Ratio*. O Papa constata que as ideologias filosóficas modernas, no encantamento das descobertas científicas, separaram a fé da razão. A Razão sob o peso de tanto saber fechou-se em si mesma, esquecendo-se de orientar a sua pesquisa para o ser. A encíclica faz uma apologia ao pensamento metafísico. Ela entende o binômio Fé e Razão não como oposição, mas como conciliação, para a busca e contemplação da verdade absoluta.

Palavras-chave: conciliação, encantamento, encíclica *Fides et Ratio*, verdade, metafísica.

Abstract

The present paper aims to show the opinion of the Pope John Paul II about the relationship between Faith and Reason, on the encyclical *Fides et Ratio*. The Pope notes that modern philosophical ideologies, in the enchantment of the scientific discovers have separated faith from reason. The Reason under the weight of so much knowledge closes in itself,

** Mestre em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE). Professor de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (FAFIC). Professor da Faculdade Diocesana de Teologia de Mossoró (FDM).

forgetting of guide its research for the being. The encyclical makes an apology for the metaphysical thinking. It understands the binomial Faith and Reason not like opposition, but like conciliation, for the search and contemplation of the absolute truth.

Keywords: conciliation, enchantment, encyclical *Fides et Ratio*, truth, metaphysical.

1. Situando a encíclica no seu pano de Fundo

A carta encíclica do Papa João Paulo II, publicada em 14 de setembro de 1998, no vigésimo ano do seu Pontificado, está dividida em nove partes: sendo sete capítulos e duas delas são a introdução e conclusão. Na tentativa de expressar fielmente o que o sumo pontífice pretende com a sua carta, seguiremos de forma didática para demonstrar a relação entre fé e razão.

Embora o conúbio entre fé e razão marque o documento pontifício como um todo, neste artigo destacaremos como maior precisão, o capítulo IV e a introdução, locais nos quais o Papa dá maior enfoque filosófico à questão. Logo, nem todos os pontos contemplados pelo documento pontifício serão abordados neste artigo, porque para alguns deles seriam necessários conhecimentos de natureza teológica. Contudo, isso não significa que não recorreremos ao restante da encíclica, quando necessitarmos de outros elementos que a compõe no seu conjunto. Eis aí um dos motivos de nos determos mais especificamente na introdução e no capítulo IV.

Na introdução o Papa coloca todo o problema do pano de fundo, que trata a encíclica, como também discute qual é o sentido da filosofia na vida humana. Já no capítulo IV, ele focaliza o problema da relação entre fé e razão e apresenta a síntese histórica da relação entre ambas, e o modo como o pensamento cristão vem trabalhando essa relação desde a filosofia antiga. Por fim, destaca Santo Tomás de Aquino (1225-1274), mostrando a sua grandiosa colaboração nos limites desse debate. Com efeito, pretendemos tratar de pontos os quais estão estritamente ligados à racionalidade da fé ou, melhor dizendo, os que dizem respeito à teologia filosófica, cuja mesma é um ramo da filosofia da religião. A teologia filosófica não olha diretamente para Deus, mas tem como partida a experiência humana em geral, isto é, parte da realidade global do ser humano, mas perguntando o sentido último do ser humano em geral. O sentido é ou não Deus?

No início do terceiro milênio, João Paulo II, frente a um contexto cultural marcado pela razão técnico-científica, publica a sua carta encíclica como objetivo de fazer “[...] um apelo a todos os cristãos de superar a situação insustentável de hoje, quando chegamos ao extremo de separar

fé e razão [...]”¹. O ambiente cultural em que está situada a encíclica é assinalado pelo pluralismo, relativismo e por uma cultura marcada por vias de fragmentação dos valores ético-morais e de uma profunda desconfiança na verdade. É em meio a esse contexto, que o Papa mais uma vez traz à tona o percurso histórico existente da relação entre fé e razão e apresenta aos seus irmãos no Episcopado a encíclica, justificando a sua iniciativa ao escrevê-la, afirmando que “[...] testemunhar a verdade é um encargo que nos foi confiado a nós, os Bispos; não podemos renunciar a ele, sem faltar ao ministério que recebemos [...]”². Com esta carta convida a todo povo católico a refletir sobre o sentido da filosofia na vida humana. João Paulo II relembra que, no âmbito da perquirição da relação fé e razão, a filosofia do Doutor Angélico, Santo Tomás de Aquino, jamais fora desgastada, mas antes continua perene³.

A encíclica está inserida no contexto moderno, marcado pelo pluralismo, relativismo, secularização e fragmentação, que no fim do milênio vem colocar em conflito a situação da vida humana⁴.

2. O homem em busca da verdade absoluta

Lendo atentamente a carta apostólica, podemos inferir que toda ela trata da categoria verdade. A verdade está no cerne de todo o documento pontifício. Para o filósofo jesuíta brasileiro Henrique Cláudio de Lima Vaz toda a encíclica está permeada pela categoria verdade. Neste sentido propaga:

Tendo como hermenêutica prioritária de leitura a pressuposição de que o caminho da razão não se fecha, mas, antes, abre-se a todas as suas ramificações – senso comum, ciência, filosofia – ao acolhimento da fé, a Encíclica deveria colocar necessariamente no centro do seu discurso a categoria de verdade. Com efeito, é essa noção que preside e dá unidade a toda a complexa sucessão de temas percorridos pelo texto pontifício e é ela que constitui o foco de convergência de todo conteúdo doutrinal nele desenvolvido (FR 6)⁵.

O Papa reconhece que existem vários caminhos que o homem percorre para progredir no conhecimento da verdade, e entre vários se destaca a filosofia⁶, pois ela vem contribuir por colocar as questões que dão sentido à vida. Ela não só as coloca, mas também procura uma saída,

¹ ZILLES, Urbano. *Crer e Compreender*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2004, p. 115.

² JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. São Paulo: Vozes, 1998. Daqui em diante conforme a norma de citações dos documentos da Igreja Católica, as referências dessa carta Encíclica virão da seguinte forma: abreviatura FR e número do parágrafo (FR 6).

³ Afirma: “ele [Santo Tomás] teve o grande mérito de colocar em primeiro lugar a harmonia que existe entre a razão e a fé. A luz da razão e a luz da fé provêm ambos de Deus: argumentava ele; por isso, não se podem contradizer entre si”, FR 43.

⁴ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Diálogos entre Razão e Fé*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 29.

⁵ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. “*Fides et Ratio*” em *Estado de Minas*, 21 de novembro de 1998, p. 9.

⁶ FR 3.

isto é, quer dar uma resposta. A filosofia nasceu quando o homem começou a perguntar o porquê das coisas e o fim delas.

Para o Papa, a filosofia vem demonstrar que o desejo de conhecer a verdade é constitutivo da natureza humana, pois “[...] Interrogar-se sobre o porquê das coisas é uma propriedade natural da sua razão [...]”⁷. Daí percebe-se que só um ser de razão pode querer conhecer a verdade. O homem não só conhece, mas tem consciência do que conhece. Ele é único animal, que pode provar para si mesmo, aquilo que conhece, assim sendo ele procura a verdade, primeiro para provar a si e depois aos outros.

O homem desde os primórdios fora motivado pelo desejo de descobrir a verdade última da sua existência. Portanto, o ser humano pode ser definido “[...] como *aquele que procura a verdade*”⁸. Ele procura “[...] adquirir aqueles conhecimentos universais que lhe permitam uma melhor compreensão de si mesmo e progredir na sua realização [...]”⁹. O Papa faz o reconhecimento de que existem diversas formas de verdade, como as de “evidências imediatas” que estão na ordem das pesquisas científicas. E, em nível diverso essas formas de verdades, apontam as verdades, que possuem um caráter filosófico. Estas sendo alcançadas pelo homem, por meio da capacidade especulativa de seu intelecto¹⁰. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o homem é por natureza um ser inquieto pela busca da verdade:

[...] Esta busca não se destina apenas as verdades parciais, físicas ou científicas; não busca só o verdadeiro bem em cada uma das suas decisões. Mas a sua pesquisa aponta para uma verdade superior, que seja capaz de explicar o sentido da vida; trata-se, por conseguinte, de algo que não pode desembocar senão no absoluto. Graças às capacidades de que está dotado o seu pensamento, o homem pode encontrar e reconhecer uma tal verdade [...]¹¹.

O ser humano por sua capacidade intelectual se debruça sobre autoconhecimento, ele deseja saber como surgiu e como vai progredindo a humanidade no conhecimento das verdades existenciais. Para João Paulo II, tais conhecimentos surgem quando ele contempla a maravilha da criação, pois ele quer e precisa saber qual é sua origem e qual é o fim a que tende a sua vida. O homem fica encantado quando se descobre no mundo na relação com seus semelhantes, com quem partilham o mesmo destino. Isso só se dá porque o ser humano é capaz de criar um espanto sobre si mesmo. Ele é um ser que está aberto sempre a novos conhecimentos; é capaz de assombrar-se sobre a sua própria existência; isso só é possível porque todo homem traz em sua constituição uma

⁷ FR 3.

⁸ FR 28.

⁹ FR 4.

¹⁰ FR 30.

¹¹ FR 33.

natureza filosófica, quer dizer, ele tem uma filosofia implícita¹²; isto faz com que ele procure conhecer não só o desconhecido, mas também se encante pelo que já é conhecido e, neste, busque algo que ainda não se apresenta como tão evidente¹³.

Segundo o Papa, Igreja não é contra essa linha de pesquisa: a busca da verdade através da razão; muito pelo contrário, ela aprecia o esforço que tem a razão no seu objetivo de avançar sempre mais na tentativa de explicar a existência pessoal. A Igreja “[...] vê, na filosofia, o caminho para conhecer as verdades fundamentais relativas à existência do homem. Ao mesmo tempo, considera a filosofia uma ajuda indispensável para aprofundar a compreensão da fé e comunicar a verdade do Evangelho [...]”¹⁴. Aqui o Papa já chama atenção para relação Razão e Fé. Para ele, esse diálogo entre fé e razão é da mais profunda importância na busca da verdade absoluta, cuja mesma — verdade absoluta — é possibilitada pela fé revelada e tem o seu fundamento no testemunho de Deus e no auxílio sobrenatural da graça e por meio da filosofia especulativa

2.1 A busca da verdade absoluta na modernidade

Nesse final de milênio, o Papa constata que o centro das preocupações filosóficas é o homem. Por isso, a modernidade (séc. XVII) tem como afirmação principal a autonomia do sujeito: o ser humano é autônomo¹⁵, isto é, senhor de si e da história. Desta forma, almeja alcançar a sua independência frente a todo qualquer determinismo, que lhe pareça vir de fora — religião, autoridades, e, sobretudo tradições — como podemos ver, ele é contra qualquer forma de heteronomia.

O Papa reconhece que “[...] A filosofia moderna possui, sem dúvida, o grande mérito de ter concentrado a sua atenção sobre o homem. Partindo daí, uma razão cheia de interrogativos levou por diante o seu desejo de conhecer sempre mais ampla e profundamente [...]”¹⁶. Entretanto, com a proclamação do *cogito ergo sum* (penso, logo existo) de Descartes (1596-1650), a vida do homem moderno passou a estar firmada no idealismo racionalista e na subjetividade, isto é, todo o universo do conhecimento foi alterado, afinal para Descartes, o “eu penso” (*ego cogito*) é a base que fundamenta toda a construção do conhecimento, e as ideias imanentes ao sujeito, são de imediato o objeto desse conhecimento.

¹² “[...] todo homem é de certa forma um filósofo e possui as suas próprias concepções filosóficas, pelas quais orienta sua vida. De diversos modos, consegue formar uma visão global e uma resposta sobre o sentido da própria existência: e, à luz disso, interpreta a própria vida pessoal e regula o seu comportamento”, FR 30.

¹³ “[...] Sem tal assombro, o homem tornar-se-ia repetitivo e, pouco a pouco, incapaz de uma existência verdadeiramente pessoal”, FR 4.

¹⁴ FR 5.

¹⁵ KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Tradução, introdução e notas de Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (A - 113).

¹⁵ FR 5.

¹⁶ FR 5.

Com Descartes, o homem passa a ser o fundamento, visto que tal afirmação — penso, logo existo — passou a ser a frase definidora do homem moderno, que age não só pela racionalidade, mas também pela subjetividade.

Com a proclamação do cogito, Descartes postula uma autonomia absoluta a razão. Nesse sentido, “[...] O próprio homem é reduzido à razão e esta, por sua vez, é reduzida à razão instrumental ou científica, criando-se, assim, a posição polêmica e hostil da razão à fé [...]”¹⁷. Não podemos jamais negar a razão ao homem pelo fato de ele ser racional, mas não podemos esquecer que além de ser um ser racional, ele é também um ser religioso por natureza. Isso faz com que seja um ser aberto ao transcendente; o homem traz em sua natureza uma abertura ao um ser subsistente; ser este que o documento pontifício chama de Deus, o Deus cristão, no qual a Igreja católica colocou a sua fé e sua esperança.

A fé não pode sentar-se no tribunal da ciência ou da razão instrumental, ela não pode ser provada por meio de uma demonstração lógica, uma vez que ela é um tipo de conhecimento intuitivo, que possui sua racionalidade própria e pode ser justificado discursivamente. Além disso, o problema da relação fé e razão pode até constituir um problema científico, como muitos filósofos quiseram discutir, entre tantos podemos citar nomes como Galileu Galilei, Descartes, Blaise Pascal e outros. O que não podemos esquecer é que, antes da relação fé e razão ser uma questão científica, ela é essencialmente um problema filosófico¹⁸. Portanto, o problema da relação entre fé e razão não deve ser tratado como uma equação matemática, mas sim como uma realidade da vida humana.

O Papa, na encíclica, jamais teve a intenção negar a razão moderna, antes aprecia como já dissemos ainda há pouco. O que ele constatou foi um fato bastante visível: as verdades últimas da nossa existência, nos dias modernos, foram ofuscadas por sistemas filosóficos que de algum modo menosprezaram uma realidade transcendental. O sumo pontífice expressa o desejo, de modo semelhante aos seus predecessores, de se inclinar sobre este exercício peculiar da razão¹⁹. Neste sentido afirma: “[...] Faço-o motivado pela constatação, sobretudo em nossos dias, de que a busca da verdade última aparece muitas vezes ofuscada [...]”²⁰. Para João Paulo II, é inquestionável que a filosofia moderna tenha centrado sua principal preocupação sobre o homem. Mas essa centralização gerou uma razão cheia de interrogativos. Razão esta que, impelida pelo desejo de conhecer o homem em maior amplitude, favoreceu sistemas filosóficos complexos, resultando nas diferentes áreas do conhecimento, dando auxílio no desenvolvimento da cultura e da história. Muitas ciências se favoreceram, entre elas o Papa destaca a

¹⁷ ZILLES, *op. cit.*, p.124.

¹⁸ *Ibid.*, p. 123.

¹⁹ FR 5.

²⁰ FR 5.

antropologia, a lógica, as ciências da natureza, a história, a linguística. Assim de alguma forma todo o universo do saber foi contemplado²¹.

O Papa chama atenção ao fato de que razão moderna encantou-se consigo mesma, na alvorada das magníficas descobertas científicas e, aos poucos, foi menosprezando a dimensão transcendente do homem e a fé. Nesse sentido postula:

[...] essa mesma razão, porque ocupada a investigar de maneira unilateral o *homem como objeto*, parece ter-se esquecido de que este é sempre chamado a voltar-se também para uma realidade que *transcende*. Sem referência a esta, cada um fica ao sabor do livre arbítrio, e a sua condução de pessoa acaba por ser avaliada com critérios pragmáticos baseados essencialmente sobre o dado experimental, *na errada convicção de que tudo deve ser dominado pela técnica*. Foi assim que a razão, sob o peso de tanto saber, em vez de exprimir melhor a tensão para a verdade, curvou-se sobre si mesma, tornando-se incapaz, com o passar do tempo, de levantar o olhar para o alto e de ousar atingir a *verdade do ser*, concentrou a própria investigação sobre o conhecimento humano. Em vez de se apoiar sobre a capacidade que o homem tem de conhecer a verdade, preferiu sublinhar as suas limitações e condicionamentos [...]²².

Diante dessas afirmações, é perceptível por todos nós, e sobretudo pelo autor da encíclica, naquele fim de milênio e ainda mais nos atuais dias de explosão do desenvolvimento tecnológico e científico, que o ser humano está de certa maneira como que “perdido” e “desorientado” em meio ao turbilhão de conquistas que a razão humana fora capaz de alcançar nas últimas décadas. É dentro desse contexto que o Papa diz que as consequências dessas inúmeras conquistas da inteligência humana se destacam no fato de o homem moderno ter caído de alguma maneira numa certa forma de agnosticismo, relativismo e ceticismo. Isso se deve ao fato de ele ter pensado que tudo poderia ser explicado pelo livre arbítrio da razão técnico-científica²³, na ilusão de que tudo pode ser conquistado pela técnica. É nesta ótica, que ele diz que as diversas formas de agnosticismos e relativismo e também de ceticismo têm feito com que o homem moderno — a humanidade contemporânea em geral — não coloque diante de si as questões últimas da sua existência; não ponha diante de si as questões da metafísica.

Frente às doutrinas do agnosticismo e do relativismo, a perquirição filosófica se vê como que perdida em meio ao ceticismo, ocasionando assim uma desvalorização daquelas verdades que o homem

²¹ FR 5.

²² FR 5 (grifos nossos).

²³ OLIVEIRA, *op. cit.*, p.31. “Para o Papa, a razão técnico-científica não é capaz de explicar por que o ser humano é um ser inquieto, que busca, que pergunta, que deseja, sempre libertar-se sem nunca parar, o que só se entende pelo fato da razão não se limitar à esfera da manipulação dos fenômenos, mas compreender a si mesma, em última instância, como *abertura dinâmica ao Absoluto* [...]”.

estava certo de ter alcançado²⁴. A consequência de tudo isso é que hoje a humanidade parece não encontrar uma direção para a sua vida na história, o homem contemporâneo encontra-se meio sem um sentido para sua vida, ele se sente incapacitado de colocar diante de si as questões últimas da vida. Com efeito, “[...] A legítima pluralidade de posição cedeu o lugar a um pluralismo indefinido, fundado no pressuposto de que todas as posições são equivalentes: trata-se de um dos sintomas mais difusos, no contexto atual, de desconfiança na verdade [...]”²⁵. Não existindo mais confiança na verdade, tudo fica reduzido à mera opinião, as verdades que são construídas são provisórias, ou ainda, alimenta-se a ideia de que não é possível uma verdade universal, mas apenas verdades particulares, em que se deixa de pôr as perguntas que fundamentam o sentido último da vida humana. É neste contexto que afirmamos estarmos vivenciando uma crise de sentido, pois a influência dos diferentes interesses científicos sobre a vida humana ocasionou uma fragmentação do saber, o que de certa maneira se tornou difícil para colocar as questões que dão um sentido amplo à vida humana. Neste cenário, “[...] se é obrigado a constatar o caráter fragmentário de propostas que elevam o efêmero ao nível de valor, iludindo assim a possibilidade de se alcançar o verdadeiro sentido da existência [...]”²⁶.

Segundo o sumo pontífice, a razão inclinou-se sobre si mesma, querendo explicar tudo pela técnica e, operando dessa forma, objetificou o homem, investigando-o de forma unilateral e se esqueceu de orientar a sua pesquisa para sua vocação originária, que é a sua busca pelo ser – metafísico –, que deseja atingir as verdades fundamentais da existência da vida humana. O homem, no mundo ocidental em particular, deixou se apanhar por um ceticismo, por uma incredulidade na articulação das verdades. Passou acreditar que não é possível atingir a verdade absoluta. Agindo dessa maneira se distanciou da fé.

3. A relação entre a fé e a razão

Antes mesmo de adentrarmos no problema da relação entre Fé e Razão, que o sumo pontífice procurou desenvolver em toda em sua encíclica, mas de forma mais explícita no capítulo IV, que se pretende analisar agora; sente-se que algumas observações preliminares são necessárias: olhando a forma semântica das expressões Fé e Razão, parece serem ambíguas. A expressão “fé” quase sempre é entendida como uma crença religiosa, de quem tem sua confiança na palavra revelada.

A expressão “fé” nos leva de imediato à noção de um testemunho e de um compromisso com uma divindade. Mas entendida como crença nos deixa a noção de compromisso com qualquer coisa. A fé

²⁴ FR 5.

²⁵ FR 5.

²⁶ FR 6.

como crença é a fé como confiança em ou em alguma coisa. Com efeito, “[t]odo ato de crer implica aceitar de algum modo algo como verdadeiro; consiste numa afirmação a respeito de algo [...]”²⁷. Pela expressão “razão” entende-se a faculdade essencialmente humana que diferencia o homem dos animais irracionais²⁸, que na modernidade, século XVII, foi vista como pura, sem nenhuma mistura com a fé, a fé neste período da história constituía uma heteronomia para Razão.

Nas últimas décadas, a fé tem sido transmitida para nós como um sentimento, ela tem sido destituída de qualquer pretensão de racionalidade. Isso porque Fé e Razão, de certa forma, têm sido entendidas como opostas e excludentes. O que não é verdade. Neste sentido, é importante trazermos a visão de Lima Vaz:

Convém, com efeito, chamar a atenção para o fato de que a expressão consagrada *Fé e Razão*, agora solenizada na Encíclica Papal, sugere uma restrição semântica que pode torná-la perigosamente ambígua. Ela parece traduzir uma oposição excludente entre duas grandezas simbólicas, a Fé e a Razão, levantando-se então o desafio teórico, a meu ver insolúvel, de unir ou, pelo menos, compatibilizar entre si essas duas grandezas, julgadas absolutamente heterogêneas. Por outro lado, semelhantemente restrição semântica acaba autorizando igualmente um dilema como o que foi enunciado recentemente pelo filósofo italiano Paolo Flores d’Arcais: *aut Fides aut Ratio*, excluindo assim de vez a possibilidade de comparação entre os dois termos. É, pois, necessário esclarecer que a expressão Fé e Razão não significa originalmente uma relação de oposição alinhado, de um lado, a Razão como razão *pura* reivindicando a sua autonomia e, de outro, a Fé ou a crença como atitude espiritual independente da Razão²⁹.

O papa dá início ao capítulo IV, relatando a passagem bíblica, em que São Lucas narra nos *Atos dos Apóstolos* a viagem missionária de São Paulo a Atenas. Ele se refere à discussão, que o apóstolo teve com alguns filósofos epicuristas, na sua pregação no Areópago. O que nos chama atenção nessa passagem é o fato de que o apóstolo não se serve apenas da tradição bíblica, Moisés e os profetas. Ele, no anúncio do evangelho à cultura helênica — que é por excelência a cultura da razão — achou por bem adequar a sua pregação aos costumes e à tradição daquele povo, o que hoje poderíamos chamar de inculturação da boa nova do reino de Deus. Isso demonstra que já os primeiros cristãos para poderem, serem ouvidos, compreendidos e justificar a sua fé naquilo que creditavam, serviram-se do “conhecimento natural de Deus”. Frente a essa leitura do

²⁷ MAC DOWELL. *Racionalidade da fé*: apostila do curso a questão filosófica de Deus. Mestrado em Filosofia, FAJE, 2009, p. 47.

²⁸ ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978. (I, 2, 1252a). “[...] o homem é o único animal que possui razão [...]”.

²⁹ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Metafísica e Fé Cristã: uma leitura da Fides et Ratio. Síntese*, Belo Horizonte, v. 26, n. 86, 1999, p. 295-296 (grifos do autor e nossos).

anúncio do evangelho pelos os primeiros cristãos, pode-se dizer que de certa maneira eles fizeram o uso tanto da razão quanto da fé, sem separar ambas, mas conciliando-as. Eles precisavam dar razões àquilo em que criam e anunciavam³⁰.

O sumo pontífice compartilha o pensamento de que a filosofia pode corroborar com a Igreja católica nos estudos de aprofundamento da compreensão da sua fé e no anúncio da verdade da boa nova aos povos que ainda não a conhecem. Como já indicamos acima, ele acredita em uma filosofia, que retome a sua vocação como era no princípio, capaz de espantar-se diante dos fenômenos do cosmo e onde as investigações pelo ser e a sua verdade eram o que a motivavam a ir sempre mais além. Buscar o ser e perguntar pela sua verdade era, na realidade, o que a movia. A concepção do papa é que a filosofia deve se voltar para a metafísica que dê sentido ao ser finito existente no mundo. A filosofia moderna do século XVII esqueceu-se do ser e, esquecendo-se do ser, abriu suas portas para filosofias agnósticas e céticas. Nesta dimensão, fala o Papa.

[...] A filosofia, que tem a grande responsabilidade de formar o pensamento e a cultura através do apelo perene à busca da verdade, deve recuperar vigorosamente a sua vocação originária. É por isso que senti a necessidade e o dever de intervir sobre esse tema, para que, no limiar do terceiro milênio da era cristã, a humanidade tome consciência dos grandes recursos que lhe foram concedidos, e se empenhe com renovada coragem no cumprimento do plano da salvação, no qual está inserida a sua história³¹.

Entende-se por essa vocação primeira da filosofia, da qual fala o sumo pontífice, aquela vocação que nos primórdios da mesma, procurava a verdade do ser, do mundo, e também o seu fundamento, isto é, Deus. Ainda há pouco falou-se que a filosofia moderna esqueceu-se da metafísica por ficar limitada apenas aos conhecimentos sobre o homem, ou seja, ela passou só a indagar sobre o conhecimento humano, ficando assim restrita apenas a essa parte do conhecimento. A filosofia moderna restringiu-se a uma gama de conhecimento que, por si só, é incapaz de atingir a verdade absoluta, favorecida pelo Deus cristão, o *Deus uno e trino*, da Igreja católica. A razão (aqui particularmente a razão moderna) por si mesma é incapaz de abarcar o mistério de Deus, do qual a verdade absoluta pode ser matéria de estudo do *telos* da existência do homem, quer dizer, o fim da existência humana. Por isso, ela necessita da fé, para que juntas em perfeita concórdia possam se dirigir a uma realidade transcendente. Nesta perspectiva se expressa o Papa:

³⁰ FR 38.

³¹ FR 6.

Não há motivo para haver concorrência entre a razão e a fé: uma implica a outra, e cada qual tem o seu espaço próprio de realização [...]. Deus e o homem estão colocados em seu respectivo mundo, numa relação única. *Em Deus reside a origem de tudo*, nele se encerra a plenitude do mistério, e isso constitui a sua glória; ao homem, pelo contrário, compete o dever de investigar a verdade com a razão, e nisso está a sua nobreza³².

Ora, se em Deus reside a origem de tudo, logo dele provêm tanto a fé, quanto a razão e, se ambas se originam de Deus não pode haver disputa e nem contradição, mas conciliação. Por acaso Deus poderia criar alguma coisa para contradizer-se depois? Deus deixaria que a razão se contrapusesse à fé? Ou a fé pudesse se contrapor à razão? Esta contraposição que vimos não é senão consequência da modernidade, que perdeu o gosto pela investigação sobre o ser — a metafísica — e da liberdade do homem, a qual Deus não interfere?³³ O homem, criado livre por Deus, ele pode até questionar a sua própria fé em Deus, procurando os seus pressupostos e as evidências que a justifiquem. Com efeito, a afirmação do Papa que “em Deus reside a origem de tudo”, pode ser ainda clareada por Lima Vaz, que pronuncia:

Tanto a estrutura da Fé quanto a estrutura da Razão são estruturas *teocêntricas*. Com uma diferença essencial: na estrutura da fé o movimento parte do centro transcendente e irradia para o círculo da razão finita como Palavra de Salvação, cujo acolhimento na razão é propriamente a *teologia*; na estrutura da Razão o movimento parte da razão finita e converge para o centro transcendente, constituindo-se como suprema Sabedoria humana no esforço sempre recommençado e nunca terminando para alcançar o ‘Centro divino’ (W. Jaeger), o que é propriamente a Filosofia como Metafísica [...]³⁴.

Segundo Lima Vaz, as estruturas *Fé* e *Razão* estão em um movimento circular e por caminhos diferentes, sem se contradizerem, procuram chegar ao divino. A fé parte de uma realidade transcendente, infinita, irradiando a razão finita. A razão na sua estrutura de movimento parte de si mesma — razão finita — para chegar a uma realidade transcendente. Este é o constituído esforço, nunca terminado, da razão e da fé, para compreender o divino (Deus).

Esta observação de Lima Vaz é suficiente para explicar as afirmações do Papa, às quais nos referimos anteriormente. Com efeito,

³² FR 17 (grifo nosso).

³³ Não se pretende aqui adentrar na discussão sobre a liberdade. Ela fora mencionada para poder justificar a afirmação de que de Deus é a origem de tudo, até dela própria. Deus como gênese de tudo; as categorias humanas fé e razão vêm dele.

³⁴ LIMA VAZ, op. cit., p. 301 (grifo do autor).

não precisa de maiores esclarecimentos, uma vez que Lima Vaz parece explicitá-las com magnitude. Por isso, vejamos como o Papa, traça o fio condutor da teologia cristã. Entre outros sistemas filosóficos, que poderiam servir para demonstrar o desenvolvimento dessa teologia; para elaboração e divulgação da doutrina da Igreja, o sumo pontífice destaca a influência dos seguintes: Orígenes (séc. II-III), Santo Agostinho (séc. IV-V), Santo Anselmo (sec. XI), Santo Tomás de Aquino (séc. XIII)³⁵.

Orígenes que refutando os ataques do filósofo Celso (séc. II) — que pretendia revelar haver antipatia entre cristianismo e razão filosófica — tentou a partir dos conhecimentos da filosofia platônica, fazer uma conciliação entre a razão e a fé. Delineando assim, de certa maneira a primeira forma de teologia cristã. Há que mencionar ainda os padres capadócijs, que se esforçaram para cristianizar o pensamento platônico e neoplatônico. O Bispo de Hipona, o Doutor ocidental, aceita elementos da filosofia dos platônicos, porque ela tinha um *telos* a atingir, isto é, o mundo das essências. Entretanto, criticava-os, por ignorar o caminho, que conduzia à essência: *o Verbo encarnado*³⁶.

Neste sentido pontua o Papa: “[...] A síntese feita por santo Agostinho permanecerá como a forma mais elevada de reflexão filosófica e teológica que o Ocidente, durante séculos, conheceu [...]”³⁷. Santo Anselmo, parte da ideia que de que a fé não concorre com a investigação da razão. Para ele o intelecto deve se colocar a procura daquilo que ama: “[...] quanto mais ama mais deseja conhecer [...]. [...] O desejo da verdade impele a razão a ir sempre mais além [...]”³⁸. A razão não se fecha em si mesma, ela procura algo a mais, um transcendente que dê sentido a existência humana, algo que ela — a razão — por si só não pode alcançar. O mesmo homem que é um ser de razão, também é o mesmo homem que é um ser de fé. O sumo pontífice conclui este itinerário histórico da teologia cristã dizendo que: “Confirma-se assim, uma vez mais, a harmonia fundamental entre o conhecimento filosófico e o conhecimento da fé: a fé requer que o seu objeto seja compreendido com a ajuda da razão; por sua vez a razão, no apogeu da sua indagação, admite como necessário aquilo que a fé apresenta”³⁹. Por fim, Santo Tomás de Aquino, que fundamentou a sua filosofia em Aristóteles e pela sua sabedoria tanto filosófica quanto teológica, soube intelectualmente não admitir a contaminação do cristianismo pela filosofia profana, mas tão pouco defende a rejeição apriorística desta. Ele procurou estabelecer um diálogo com o pensamento árabe e hebreu, no esforço de dar uma solução ao problema, que foi posto novamente, da contraposição na relação entre

³⁵ Além desses que já foram destacados, o Papa sublinha, outros pensadores tanto da patrística, quanto da escolástica: Santo Irineu, Tertuliano, São Justino, Clemente de Alexandria, que “[...] chamava o evangelho ‘a verdadeira filosofia’ [...]” (n. 38). Não os trazemos todos aqui para não tornarmos o nosso texto ainda mais extenso, em outra ocasião poderemos pô-los em relevo, com maior destaque.

³⁶ FR 40.

³⁷ FR 40.

³⁸ FR 42.

³⁹ FR 42.

fé e razão⁴⁰. Ele na sua genialidade sublinhou a harmonia, que deve existir entre ambas, porque as duas têm a sua origem em Deus, não podendo assim haver contradição entre elas. Neste sentido, afirma o sumo pontífice.

[...] a fé não teme a razão, mas solicita-a e confia nela. Como a graça supõe a natureza e leva-a à perfeição, assim também a fé supõe e aperfeiçoa a razão. Esta, iluminada pela fé, fica liberta das fraquezas e limitações causadas pela desobediência do pecado, e recebe a força necessária para elevar-se até o conhecimento do mistério de Deus Uno e Trino⁴¹.

Mediante esta afirmação, pode-se dizer, sem mais delongas, que o nosso esforço de responder à pergunta a qual instigou este artigo (Qual a posição de João Paulo II a respeito da relação entre fé e razão?) já pode ser dar por satisfeito, pois nesta afirmação fica evidenciado que o Papa acredita e defende a ideia de que Fé e Razão não se constituem em antítese, elas não medem forças, uma não quer sobressair sobre a outra, mas antes se harmonizam por meio de um objetivo comum: a busca do "*conhecimento do mistério de Deus Uno e Trino*". Dentro desta perspectiva, pode-se afirmar que a razão por ela mesma é impossível de abarcar o mistério de Deus, cuja verdade é dada pela revelação. A razão sem a contribuição da fé perde-se na sua meta final, a busca da verdade. A fé, por si só, não pode compreender o mistério de Deus; pois ela, privada da razão, "[...] cai no grave perigo de ser reduzida a um mito ou superstição. Da mesma maneira, uma razão que não tenha pela frente uma fé adulta não é estimulada a fixar o olhar sobre a novidade e radicalidade do ser"⁴².

O papa reconhece Santo Tomás de Aquino como gênio do pensamento filosófico-teológico, vê nele um modelo para Igreja, no modo de fazer teologia, uma vez que "[a] sua teologia permite compreender a peculiaridade da sapiência na sua ligação íntima como a fé e o conhecimento de Deus: conhecer por conaturalidade pressupõe a fé e chega a formular retamente o seu juízo a partir da própria fé [...]"⁴³. No reconhecimento da sapiência, aquela que é considerada como dom do Espírito Santo, Santo Tomás não se esqueceu da existência das outras realidades que complementam a sabedoria: a filosofia e a teologia. A filosofia fundamenta suas bases no intelecto; ela toma por base a capacidade que tem o intelecto; no interior dos seus próprios limites naturais de investigar a realidade. A teologia procura fundamentar suas bases na revelação e analisa os conteúdos da fé com a finalidade de alcançar o mistério de Deus.

⁴⁰ FR 43.

⁴¹ FR 43.

⁴² FR 48.

⁴³ FR 44.

O sumo pontífice enaltece Doutor Angélico: “[...] Porque se consagrou sem reservas à verdade, no seu realismo soube reconhecer a sua objetividade. A sua filosofia é verdadeiramente uma filosofia do ser, e não do simples aparecer”⁴⁴. Santo Tomás toma as bases da filosofia aristotélica e fundamenta a sua filosofia na metafísica, uma metafísica na qual o ser finito se abre ao ser infinito. Em síntese, para Santo Tomás, fé e razão, se unem e se orientam em rumo a uma direção comum: Deus. Santo Tomás, em meio a um contexto de pensadores escolásticos, que comugavam da ideia de que a filosofia é *ancilla theologiae* — ou seja, “a filosofia servidora da teologia” — diz que a filosofia não pode ser substituída pela teologia e ambas não se opõem, mas se complementam .

No entanto, o Papa quis mostrar também com a sua encíclica que a tensão entre fé e razão marca toda história da filosofia e da Igreja. No ápice do medievalismo, século XIII, Averróis coloca a relação entre fé e razão como oposição, afirmando de um lado o racionalismo e de outro o fideísmo. Assim de certa forma ele já formula o problema moderno da separação entre Fé e Razão⁴⁵. Depois, até mesmo aqueles admitiam uma íntima ligação entre teologia e razão, como é o caso de Santo Tomás e Santo Alberto Magno, mas quando apareceram as primeiras universidades e quando a teologia passou se relacionar com outras formas do saber científico, eles “[...] foram os primeiros a reconhecer à filosofia e às ciências a autonomia de que precisavam para se debruçar eficazmente sobre sobre os respectivos campos de investigação [...]”⁴⁶. Mais tarde, a partir da baixa idade média, a distinção entre os dois ramos de conhecimento se transformou gradativamente na nefasta separação entre Fé e Razão.

Por conseguinte, a encíclica papal, analisa o desenvolvimento da história da filosofia e aponta para a perda da busca do saber universal, que é a característica mais profunda da gênese da filosofia. Com o aparecimento de diferentes correntes filosóficas, como Positivismo, século XIX, que não apenas “[...] se afastou de toda a referência à visão cristã do mundo, mas sobretudo deixou cair qualquer alusão à visão metafísica e moral”⁴⁷; o niilismo, cujos seguidores não encontram esperança e nem a possibilidade de atingir a meta da verdade.

Por fim, a filosofia marxista e o comunismo ateu favoreceram ainda mais a separação entre fé e razão. O sumo pontífice, com a sua encíclica, deseja recuperar a unidade conciliadora entre fé e razão, que se fora perdendo ao longo da história. Neste sentido afirma: “[...] creio justificado o meu apelo veemente e incisivo para que a fé e a filosofia recuperem aquela unidade profunda que as torna capazes de serem coerentes com a sua natureza, no respeito da recíproca autonomia”⁴⁸. Para o Papa, a filosofia, com a perda da metafísica, ficou pobre, por se

⁴⁴ FR 44.

⁴⁵ ZILLES, *op. cit.*, p. 123.

⁴⁶ FR 45.

⁴⁷ FR 46.

⁴⁸ FR 48.

contentar com tarefas mais singelas e, muitas vezes, esqueceu de colocar as perguntas fundamentais da existência. Ele conclui a sua carta apostólica exortando os filósofos para que no ensino da filosofia retomem a vocação originária da mesma, que se inclina na busca pela sabedoria e da verdade, e inclusive da verdade metafísica. Dirige-se também aos teólogos, para darem atenção às implicações filosóficas que a palavra de Deus possui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte Primária

JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. Ou *FidesetRatio*. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_15101998_fides-et-ratio_po.html.

Fonte secundária

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978.

KANT, Emmanuel. *Crítica da Razão Prática*. Tradução, introdução e notas de Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Metafísica e Fé Cristã: uma leitura da Fides et Ratio*. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 26, n. 86, 1999.

_____. "Fides et Ratio" em *Estado de Minas*, 21 de novembro de 1998.

MAC DOWELL, João A. A. A. *Racionalidade da fé: apostila do curso A questão filosófica de Deus*. Mestrado em Filosofia, FAJE, 2009.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Diálogos entre Razão e Fé*. São Paulo: Paulinas, 2000.

ZILLES, Urbano. *Crer e Compreender*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2004.